



---

DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p117-129

## O EFÊMERO E O REGISTRO NA POÉTICA DE LUCINDA PERSONA

\*\*\*

## THE EPHEMERAL AND THE RECORD IN LUCINDA PERSONA POETICS

Judikerle Pereira de Oliveira<sup>1</sup>  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 11/05/2020

**Data de aceite:** 29/05/2020

**RESUMO:** Neste artigo serão analisados os poemas de Lucinda Persona, “Infinito seria” (*Ser Cotidiano*, 1998), e “Traços” (*Tempo comum*, 2009), na perspectiva do efêmero, observando-se a complementaridade entre a brevidade, o banal e o seu oposto, a permanência, e entre a memória e o hábito; e do registro, a presentificação como estratégia de construção de um presente eterno. Como resultado do diálogo entre esses aspectos, verificamos que as pequenas insignificâncias da rotina, por meio da memória e da escritura dos versos, mostra e estimula buscas próprias às vivências na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e efêmero; Precariedade da duração; Registro do banal.

**ABSTRACT:** In this article Lucinda Persona poems, “Infinito seria” (*Ser Cotidiano*, 1998), and “Traços” (*Tempo comum*, 2009), from the perspective of the ephemeral, will be analyzed, observing the complementarity between brevity, banal and its opposite, permanence, and between memory and habit; and registration, presentification as a strategy for building an eternal present. As a result of the dialogue between these aspects, we found that the small insignificances of the routine, through memory and the writing of the verses, show and stimulate searches specific to contemporary experiences.

**KEYWORDS:** Literature and ephemeral; Precariousness of duration; Registration of the banal.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: judiolli@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso.



A poética de Lucinda Persona tem como predominância as temáticas do efêmero e as relações entre a memória e o tempo. O eu lírico desloca o olhar para as sutilezas da rotina, para as atividades domésticas, para as pequenas interferências da natureza em sua vida, para o cuidado de si, tornando o efêmero significativo e registrando-o em versos.

Destacar os conceitos acerca do efêmero e do registro, uni-los numa análise sob a regência de versos, pode parecer algo insípido; no entanto, encontramos valor nisso, considerando que Lucinda Persona transpõe os limites da cronologia linear e brinca com as temporalidades. Essa articulação nos conduz ao conhecimento, no âmbito da arte lírica, de modos de vida do homem pós-moderno, com seus problemas e felicidades.

### **O cotidiano e o registro**

Os poemas de Lucinda Persona, “Infinito seria” (1998, p.17) e “Traços” (2009, p.22), selecionados para esta análise, ao contrário do movimento natural de registro do memorável (SELIGMANN-SILVA, 2016), tratam do que é comum, da rotina, mas nos tiram da mecanização da vida pós-moderna e nos convidam a refletir a respeito da vivência dos pequenos prazeres: a chuva caindo, o movimento das folhas que caem com o vento.

Infinito seria

Logo cedo

-no início do expediente-

Uma desordem:

O vento exagerou

no exercício da função





(talvez seja melhor usar  
 essa linguagem burocrática).  
 Foi de repente  
 que o vento se tornou  
 mais forte e frio  
 cinzento e formal.  
 Ele se tornou mais vento  
 e mais vibrantes as suas fibras.

Aturdidas, as árvores se prepararam  
 para a perda das folhas. Cada folha  
 teve um espanto antes da queda.

Ora, as folhas no chão  
 fixam uma velha realidade  
 fato comum entre os demais fatos  
 não é questão que possa interessar a todos.

Infinito seria este relato  
 amontoado triste de folhas  
 como palavras derrubadas pelo vento.

Infinito seria este choro  
 porém  
 quero evitar tal excesso.  
 (PERSONA, 1998, p. 17)

A relação de complementaridade entre o que se coloca no campo visual do eu lírico e o seu registro se mostra em tema e nos próprios versos, metalinguísticos, quando diz que a queda das folhas e o seu estar no chão não é algo que interesse a todos, e faz analogia entre o poema, apresentado segundo o gênero do “relato”, e um “amontoado de folhas”. A matéria para a constituição da poesia é aquela normalmente não percebida ou lembrada. Pelo artifício da imagem, a matéria é “presentificada” (PAZ, 1982, s/p). Mas a queda das folhas é uma consequência da ação do vento, que “exagerou/ no exercício de sua função”, expressão incomum empregada para a situação, mas que se aproxima mais do que o eu lírico





quer dizer, na sua dificuldade de encontrar os termos mais apropriados. “Como no momento da percepção”, diz Paz, o objeto nos é dado com “suas qualidades contrárias”, a imagem busca reproduzir o momento da percepção e, “no ápice, o significado” (1982, p. 132):

[...] o vento se tornou  
mais forte e frio  
cinzento e formal.  
Ele se tornou mais vento  
e mais vibrantes as suas fibras.

O eu lírico personifica a natureza, incorpora-a ao expressar o seu sentimento de susto e espanto. “O verso, a frase-ritmo, evoca, ressuscita, desperta, recria.” (PAZ, 1982, p.132)

Aturdidas, as árvores se prepararam  
para a perda das folhas. Cada folha  
teve um espanto antes da queda.

Com esse movimento temos uma suspensão do tempo, tanto no sentido de rompimento com o conjunto contínuo que compõe o cotidiano, pela evidência de uma pequena parcela sua, insignificante, quanto em relação a sua “presença”, no aspecto extratextual, capaz de operar de maneira diferente a cada releitura (PAZ, 1982, p. 348).

O registro do instante de um eu lírico atual, fixado pelos versos no poema, possibilita-nos tecer considerações sobre outros usos contemporâneos do tempo.



No livro *Tempos Líquidos* (1997), Zygmunt Bauman expõe uma série de questões sobre a vida contemporânea. Ele destaca fatores perceptíveis da passagem da modernidade, que classifica como “sólida”, quando se tinha alguma certeza sobre as coisas, para uma pós-modernidade, que denomina “líquida”, com as fronteiras diluídas, como a separação entre o poder e a política, a redução da responsabilidade do Estado em relação ao bem-estar individual, social, que tornam fracas e instáveis as bases sobre as quais se sustenta a sociedade, o que impede às pessoas de refletir e planejar suas vidas a longo prazo. Com isso, a base solidária que arregimenta o coletivo social se liquefaz e a responsabilidade de resolução dos dilemas gerados por tais circunstâncias passam a pesar sobre os indivíduos. Estes fatores culminam numa sociedade insegura e medrosa e que encontra refúgio, quando possível, nas ferramentas tecnológicas, no consumo exacerbado e na valorização da aparência, nas redes sociais, que, por sua vez, atuam como anestesia para o sufocamento pela liquidez da vida pós-moderna.

Os versos de Lucinda Persona denunciam essa situação, como visto:

Ora, as folhas no chão  
 fixam uma velha realidade  
 fato comum entre os demais fatos  
 não é questão que possa interessar a todos.

O registro do cotidiano torna-se mote para a composição dos versos, e sutilmente nos desloca do fluxo contínuo dos afazeres que sobrecarregam a rotina e nos permite parar, repensar nossas vivências e



---

desfrutar dos pequenos momentos que nos propiciam desautomatizar as experiências.

Assim, além do registro e da eternização de fragmentos da vida diária pela materialidade dos poemas, estes concebem abertura para, numa reflexão mais detida, pensar em como nos inserimos no panorama social, como agentes construtores de vivências, capazes de mudar o roteiro de prioridades, em meio, por exemplo, à supervalorização da vida virtual que a pós-modernidade impõe.

Nesse sentido, é possível afirmar que essa poética, que trata do cotidiano no espaço urbano, embora esse espaço não seja a tônica do poema analisado, também nos oferece um espaço de resistência aos modelos de vida pré-estabelecidos socialmente, e cada um pode interferir, e porque não, modificar seus hábitos dando uma nova “configuração” à rotina.

É interessante refletir que, para além da lírica, modalidades de arte como instalações e performances, feitas nos mais variados espaços urbanos, apresentam-se nesse campo de resistência. Por exemplo, dispor pequenas “insignificâncias”, “enxurradas de letras pelos bueiros, folhas de ouro nas árvores, jardins de plástico na aridez do bairro, azulejos portugueses colados aos muros”, como diz o André Brasil (2011, p. 33-34.), ocupam e transformam a rua, mas não apenas a materialidade das vias e praças, como também aqueles que são afetados quando, por um espanto, são deslocados/atravessados pelas pequenas interferências no percurso comum da rotina. Essas “insignificâncias” fazem o transeunte



parar, refletir, resignificar seu “estar no mundo” (CAMPBELL, 2015, p. 20), em que ele afeta e é afetado.

Consoante com essa reflexão, Zalinda Cartaxo (2009) destaca as relações da arte com o espaço em que está inserida, e de como este espaço atravessa os seus sentidos (da arte) e mesmo o valor que atribuímos a ela. Cartaxo traz à discussão um ponto importante acerca do consumo na contemporaneidade, frente ao qual a arte pode resignificar, conservar ou restituir a capacidade interpretativa da necessidade de consumir, de fazer uso do meio ambiente, dando exemplos de sua utilização de uma maneira diferenciada daquela imposta pelo sistema social e pelas instituições de poder que o consolidam.

Trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou; enfim, de dar-lhe a possibilidade de não assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente. (ARGAN, 1998 apud CARTAXO, 2009, p. 11)

Da mesma forma, podemos considerar a adoção, como temática para a poesia, das coisas banais do cotidiano, o seu caráter de permanência e a efemeridade como maneira de reflexão sobre a relação de sujeição do homem pós-moderno com as suas vivências e com os problemas de sua época.

No poema “Traços” (2009), como veremos a seguir, algumas dessas questões tornam-se lancinantes.





## Traços

Nada sei das tardes  
 consumidas por sua ávida memória  
 E menos sei de outros cansaços  
 demônios, amantes, rupturas  
 Contudo  
 o pouco tempo gasto nesses traços  
 fortalece conjecturas de tumultos  
 narcisos fluindo  
 nas máscaras cotidianas  
 A rigor  
 este é o retrato  
 de quando se elimina a vida  
 e faço  
 à base de virtual imagem  
 quando o virtual é moda  
 e fica bem  
 (e burla as dores).

(PERSONA, 2009, p. 22)

Nesses versos, além da presença do registro do cotidiano, ainda temos uma acentuação da marcação da precariedade do tempo, a questão da memória, e que em certa medida nos possibilita pensar na problemática de como usamos o tempo, enquanto garantia de qualidade de vida.

A remissão às memórias marca a voz do eu poético, mas sem retirá-lo do instante presente, como podemos observar já nos primeiros versos do poema:

Nada sei das tardes  
 consumidas por sua ávida memória  
 E menos sei de outros cansaços  
 demônios, amantes, rupturas





### Contudo

o pouco tempo gasto nesses traços  
fortalece conjecturas de tumultos  
narcisos fluindo  
nas máscaras cotidianas

O insistente apontamento para o tempo e a mobilidade de vozes temporais que se encadeiam numa única imagem poética (“tardes”, “ávida memória”, “rupturas”, “pouco tempo gasto”, “máscaras cotidianas”) causam um atordoamento, o mesmo que o eu poético parece deixar escapar ao falar das “máscaras cotidianas”.

Paul Ricoeur, no livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007), faz reflexões sobre a relação hábito-memória e memória-lembranças, que podem ser úteis para pensar no modo como, no poema, as relações temporais são estabelecidas. Desta forma, de acordo com o teórico,

hábito e memória constituem os dois pólos de uma série contínua de fenômenos mnemônicos. O que faz a unidade desse aspecto é a comunidade da relação com o tempo. Nos dois casos extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, o do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória “é do passado”, mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial. (RICOEUR, 2007, p. 43)





Assim, mesmo quando nos poemas, o eu lírico verse sobre memórias e pequenas recordações do cotidiano, estas possuem um *status* de permanência, daquilo que está sempre lá, comum a todos os dias e que corrobora de maneira plural para o sentido de “presentificação”, conforme discorre Paz (1982, p.132-133), apresentado acima.

Nos versos seguintes entendemos a inquietação do eu poético,

A rigor  
 este é o retrato  
 de quando se elimina a vida  
 e faço  
 à base de virtual imagem  
 quando o virtual é moda  
 e fica bem  
 (e burla as dores).

Duas inquirições são relevantes, a partir da análise de “Traços”. Uma é a da memória, do tempo que investimos na recordação/passado, aspecto que Ricoeur irá relacionar com “a conquista da distância temporal” (2007, p. 43), qualificada como

gradiente de distanciamento. A operação descritiva consiste então em classificar as experiências relativas à profundidade temporal, desde aquelas em que, de algum modo, o passado adere ao presente, até aquelas em que o passado é reconhecido em sua precariedade passada. (RICOEUR, 2007, p. 43).



Podemos perceber essa correlação temporal no momento em que o eu poético, a partir de um acontecimento banal da rotina, lança-se às reflexões atemporais, flutuando entre o aqui e o agora e o que já foi, mas que sempre pode ser revivido.

A segunda, atravessa a questão da construção da identidade de si em comunhão com o outro – indivíduo, comunidade, sistemas sociais –, ou melhor, em fricção com o outro, pela maneira como, nos versos, as palavras “retrato” e “virtual imagem” são tecidas, numa perspectiva de anulamento do eu para melhor se encaixar nos modelos de vida estabelecidos. Tal praxe é um meio de escape para os problemas que afligem o eu. A partir dessas dificuldades com as quais ele não sabe como lidar, afloram as vicissitudes ocasionadas pelo apagamento de si.

### **Consideração final**

A poética do efêmero, de Lucinda Persona, que abordamos neste artigo, tratou da relação entre os fatos fugazes da rotina do eu poético e o seu registro, como a chuva ou uma folha que cai com o movimento do vento, de modo a eternizá-los no momento em que estes são elencados como mote para os versos. Essa estratégia poética nos convida a uma pausa.

“Pausar” o olhar nas trivialidades da rotina, nas “coisas e em si”, é oportunizar-se um tempo próprio, o de encarar-se a si e a seus modos de percepção, e a se reconectar com o entorno, refletindo e construindo um modo de vida que não apenas caminha mecanicamente, mas que seja mais



consciente do “estar no mundo”. É a maneira de consolidar uma identidade numa época líquida, em que nada permanece estável.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*.

Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 107-149.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL, André. Insignificâncias: a política nas intervenções do Poro. In: CAMPBELL,

Brígida; TERÇA-NADA, Marcelo (Org.). *Intervalo, respiro, pequenos deslocamentos:*

ações poéticas do Poro. São Paulo: Radical Livros, 2011. p. 32-37.

CAMPBELL, Brígida. Ocupar, afetar e cocriar um espaço urbano sensível. In: \_\_\_\_\_. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015. p. 18-33.

CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. In: KOSOVSKI, Lídia; LIMA, Evelyn Furquim Werneck (Org.). *Revista o percevejo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 116, jan./jun. 2009.

PAZ, Octavio. A imagem. In: \_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 119-138.

PERSONA, Lucinda Nogueira. *Ser cotidiano*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tempo comum*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2009.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

---

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Antimonumentos: trabalho de memória e de resistência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 49-60, 2016.

